



Ministério da Cultura
Conselho Nacional de Políticas Culturais
COLEGIADO SETORIAL DE CULTURA AFROBRASILEIRA

CARTA DE REPÚDIO À “CAPOEIRA GOSPEL” E À EXPROPRIAÇÃO DAS EXPRESSÕES CULTURAIS AFROBRASILEIRAS

“Camarada, o que ele é meu? É meu irmão.”
Cantiga tradicional

Prezadas irmãs;
Prezados irmãos;

Que Olorum/Zambi/Deus abençoe a nação brasileira (a maior nação negra fora da África); que o Divino Espírito Santo ilumine nossos pensamentos e o nosso diálogo para que a nossa mensagem seja recebida, entendida e compreendida. Oxalá possamos jogar com serenidade; que o Senhor das Encruzilhadas nos mostre o bom caminho; que o Senhor dos Caminhos nos ajude a derrotar o verdadeiro inimigo.

*“Eu faço a pergunta e você dá a resposta,
é assim que se joga a capoeira angola”...*
Cantiga tradicional

O Conselho Nacional de Políticas Culturais - Setorial de Culturas Afrobrasileiras - espaço de diálogo entre a sociedade e o poder público visando o aperfeiçoamento das ações do Estado, mais uma vez se levanta e entra na roda para **denunciar** os perversos ataques perpetrados contra as culturas de matriz africana e, neste caso específico, contra a arte, luta, dança, ritual, jogo, roda de capoeira - contra os Patrimônios da Cultura Brasileira, inscritos no Livro de Registro das Formas de Expressão em 21 de outubro de 2008 ([leia aqui o Dossiê produzido pelo IPHAN](#) sobre a Roda de Capoeira e o Ofício dos Mestres de Capoeira).

Por que a “capoeira gospel” merece a atenção deste conselho? A atenção do Estado brasileiro e de toda a sociedade? Por que a realização do 3º Encontro Nacional de Capoeira Gospel, na cidade de João Pessoa/Paraíba, dias 16, 17 e 18 de junho 2017 provocou este Conselho a publicar uma Carta de Repúdio? O que é que está por detrás deste evento, que está movimentando as opiniões de toda a comunidade capoeirística, nacional e internacional?

A situação é gravíssima e esta denúncia merece toda a nossa atenção.

Primeiramente porque o que será aqui exposto fere a Constituição Federal de 1988, na qual os representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembléia Nacional Constituinte para instituir um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias, promulgam, sob a proteção de Deus, a seguinte CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL.

(...)

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

(...)

VI - e inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias;

Em segundo lugar, porque o Estado brasileiro assumiu compromisso com a preservação, reconhecimento e valorização da Capoeira, em decorrência do previsto no Decreto nº 3.551/2000. E a “capoeira gospel” descaracteriza totalmente a Capoeira ([leia mais sobre descaracterização da Capoeira na Carta ao Ministro sobre a Esportivização da Capoeira](#)); mas este não é o aspecto mais perverso do problema.

Desde que o primeiro negro e a primeira negra pisaram nesta terra temos lutado para manter/reaver nossa liberdade e nossa identidade. O nosso elo com a nossa humanidade usurpada. Temos lutado contra o **racismo** em suas diversas e perversas manifestações. A demonização perpetrada por pastores, mestres ou professores de “capoeira gospel”, ensinando o ódio e a **intolerância** contra as raízes da Capoeira e contra seus praticantes não evangélicos, é um crime de ódio que fere a liberdade e a dignidade humana.

Nestes casos, são necessárias medidas judiciais para garantir a proteção aos direitos constitucionais violados.

“O bom e o mau capoeirista. (...)

Não é todo jogador de capoeira que é capoeirista,
como não é todo bom capoeirista que é Mestre de Capoeira,
e não é todo Mestre que é bom Mestre.”

Mestre João Pequeno

Prezados organizadores e organizadoras do 3º Encontro Nacional de Capoeira Gospel, é de conhecimento de todos que intolerância religiosa é **crime** previsto no código penal. Não podemos mais ser coniventes com as situações de **demonização** da Capoeira ou de qualquer outra tradição de matriz africana. Esta diabolização perpetrada por algumas denominações evangélicas incita o ódio e leva muitos praticantes a cometerem diversos tipos de crimes em nome da religião.

Pedimos, por tudo o que há de mais sagrado, respeitem a mãe Capoeira. Respeitem os detentores legítimos desta riqueza, seus saberes tradicionais e suas formas próprias de transmissão destes saberes. A Capoeira vai além da roda. É muito mais do que o movimento pelo movimento. É na roda maior, na roda da vida, que a Capoeira nos ensina a defender, proteger e, o mais importante, dialogar. Todos gostamos de participar de uma boa roda de capoeira, seja como jogadores, tocadores, cantadores, pesquisadores ou simples observadores. E existem diversos tipos de jogos. Tem o jogo bonito, de irmãos, de camaradas, mas tem também o jogo duro. Tem o jogo de desafio e o jogo desleal, o jogo sujo. Já houve o jogo embolado e o jogo pra turista ver, acrobático, de salto, faca, navalha e pau. Capoeira universitária, capujitsu, hidrocapoeira, capoeira anarquista, feminista, esportista, badboy, infantil, especial e, hoje, surge a “capoeira gospel”, evangélica: a capoeira de Jesus. A cada movimento novo que surge, a capoeira se revela, generosa, e depois retorna às suas raízes africanas para se fortalecer. O que é bom é acolhido pela tradição, o que não é, acaba sutilmente sendo descartado e se desintegra no tempo.

Esta questão da demonização perpetrada contra TODAS as manifestações culturais afrobrasileiras por **algumas** denominações evangélicas é, hoje, a mais cruel faceta do perverso racismo que violenta nossa comunidade. O problema passa pela violência sutil, verbal, simbólica, mas também chega ao cúmulo da **violência** física, até contra crianças, como tem sido noticiado com cada vez mais frequência. Daí a necessidade de debatermos a ação de alguns falsos mestres de Capoeira, que se utilizam da demonização para atacar as nossas tradições mas, o que é muito pior, para ensinar crianças e jovens a odiar as nossas manifestações culturais, religiosas, nossos patrimônios e espaços sagrados. Além de incitar seus praticantes a realizar diversos crimes contra os povos e culturas negras, ainda incitam as famílias a tentar impedir o ensino da história e cultura afro nas escolas (Lei 10.639/03).

A luta contra o racismo não é de hoje. Nossos passos vêm de longe. Quantas vezes a capoeira defendeu seus filhos e filhas, negros e não negros, dos golpes traiçoeiros do racismo nesta terra não gentil... desde o início da História do Brasil? Na escravidão, na discriminação, na exclusão, na marginalização. Não vamos nos alongar aqui sobre os golpes baixos que a capoeira e o povo negro já sofreram - a folclorização, a apropriação, a comercialização, a esportivização e, hoje, estamos sofrendo com a demonização. Esta forma de violência escancarada ataca um dos pilares fundamentais de qualquer comunidade, que é o âmbito do **sagrado**. Quando finalmente conseguimos convencer o Estado brasileiro a pôr um fim na violência contra a capoeira e todas as heranças culturais de matriz africana pela perseguição policial, algumas denominações evangélicas começam a assumir estes ataques...

No entanto, a Roda de Capoeira e Ofício dos Mestres de Capoeira estão salvaguardados para as futuras gerações como Patrimônios Imateriais da Cultura Brasileira, são valorizados nacional e internacionalmente junto com tantas outras heranças culturais de matriz africana que tanto **amamos**, como o Jongo, o Frevo, o Samba de Roda do Recôncavo Baiano, as Matrizes do Samba Carioca e o Ofício das Baianas do Acarajé. As culturas de matriz africana são prenhes de sabores e saberes, curam a dor de tantos golpes com beleza e vitalidade, seus símbolos e contribuições enchem nossas vidas de sentido e seu significado é indecifrável. Nem o mais sábio dos mestres consegue explicar. Atualmente ela espalha seu n'guzo pelo mundo e suas raízes já ganharam mais de 200 países... São milhões de praticantes e alguns pesquisadores ousam supor que ela é o segundo esporte mais praticado no mundo.

Quando esta nobre arte, que sempre nos acolheu e nos defendeu, sofre os ataques violentos do racismo, da discriminação, da apropriação, da comercialização, da esportivização e, hoje, da demonização, somos todos chamados a defendê-la. Já foram criadas diversas ferramentas para nos proteger e cabem atitudes como: **denunciar no disque 100, colher provas (filmagens, gravações, prints) e testemunhas, denunciar, registrar B.O e abrir inquérito policial na delegacia mais próxima.**

*“A capoeira é do senhor Ogum”
Mestre João Grande*

Na Capoeira a linhagem é fundamental. Os grandes Mestres da Capoeira foram iniciados nas religiões de matrizes africanas. Isso não significa que todos os capoeiras devem ser iniciados nas religiões de matrizes africanas. A mãe Capoeira é acolhedora e não discrimina raça, cor, credo, gênero. Os mestres nossos contemporâneos que aderiram a fé nas religiões evangélicas podem e devem **respeitar** este valor da capoeira.

Mestre João Pequeno era evangélico e se manteve fiel ao que aprendeu com o Mestre Pastinha, seu mestre. Não traiu os princípios da capoeira e nem os princípios cristãos. Quando um professor ou um mestre de capoeira evangélico ataca as raízes da capoeira, em um jogo sujo, rasteiro, desleal, desrespeitoso, violento, alegando que nossas raízes são a “representação do mal absoluto”, como responder? Como defender nossa mãe Capoeira e nossas irmãs e irmãos nas religiões de matrizes africanas da onda de ódio provocada por essa teologia da prosperidade e da demonização?

Menino, quem foi seu mestre?

Pergunte ao seu mestre, se ele realmente acredita que apenas a “capoeira gospel” é de Jesus e que as nossas raízes e tradições, são a “representação do mal absoluto” (*sic!*). Peça a ele para dizer com quem ele aprendeu e o que aprendeu? Ele poderá lhe falar sobre a coragem de nossos ancestrais, sobre valores como o respeito, a beleza e a vitalidade que herdamos das nossas raízes afrocêntricas. Pergunte se ele acha que

é positiva esta ruptura com o canto tradicional, o toque ancestral, a religiosidade que permeia todo o ritual.

*“Dizem que a capoeira vai mal...
Quem vai mal são os capoeiristas que não sabem se unir...”*
Mestre Ananias Ferreira

Não podemos esquecer que intolerância religiosa é uma forma de racismo e racismo é um crime previsto no código penal. A intolerância religiosas é uma forma de violência que anda de braços dados com diversas outras, o machismo, a LGBTfobia, a islamofobia, o fascismo, o neonazismo, o racismo. O mesmo racismo que se manifesta e nos ataca em forma de demonização, leva milhares de mães negras a chorar diuturnamente com o genocídio da nossa juventude. A sua dor não aparece porque os grande veículos de comunicação de massa insistem em dizer que racismo não existe. Nós choramos pelo racismo que mata mas também pelo machismo que violenta, que ceifa as nossas vidas e as nossas forças. A mãe capoeira também chora pelo abandono com que são tratados os velhos mestres, que após dedicar suas vidas a ensinar capoeira, fazem a passagem em situação econômica difícil, esquecidos pelos seus alunos e pelo Estado, mas não pelos seus discípulos. Não vamos tolerar este golpe.

“Os racistas negam a nossa humanidade, a nossa ancestralidade, o nosso direito à vida. O que estes cristãos estão fazendo com as tradições africanas é um assassinato cultural, se utilizando de alguns símbolos para atrair mais fiéis, e higienizando esses símbolos da ancestralidade africana. O assassinato físico é sempre precedido do assassinato cultural. Eu não tenho a menor humildade quando estou em defesa da minha ancestralidade. A guerra está declarada, a violência impetrada por eles nos atinge cotidianamente, e não será com “amor” que vamos garantir a nossa sobrevivência. Meus antepassados dormem na minha língua, formam minhas palavras. Pensamentos que não pensei me acompanham e me sustentam. É a minha cultura”.
Pai Paulo Ifatide

Conclamamos toda a nação brasileira, em especial a nação evangélica de bem, de boa vontade, real seguidora dos princípios cristão, para não serem cúmplices nem coniventes com quaisquer atos, palavras e gestos criminosos (demonizantes, intolerantes) de falsos mestres contra a capoeira. A curto prazo criam confusão e despertam o ódio e, a longo prazo, podem deformar irremediavelmente nosso patrimônio cultural.

Conclamamos ainda a toda a sociedade brasileira, em especial as diversas nações de religiões de matrizes africanas, bem como todo o povo da capoeira, do samba, do jongo, do maculelê, do afoxé, das congadas, dos maracatús, etc. a denunciar qualquer ataque à nossa cultura e à nossa liberdade de crença. Qualquer tentativa de discriminação, de demonização, diabolização, satanização dos nossos usos e costumes, devem ser imediatamente denunciados na Ouvidoria, Defensoria, Ministério Público, Disque 100, registrados boletins de ocorrência, colhidas provas (filmagens, gravações, prints) e testemunhas para registrar B.O e abrir inquérito policial na delegacia mais próxima.

Ressaltamos que esta carta é oficial, foi elaborada e aprovada pelo Setorial de Culturas Afrobrasileiras do Conselho Nacional de Políticas Culturais do Ministério da Cultura, protocolada, amplamente discutida e divulgada.

Atenciosamente,

Colegiado Setorial de Cultura Afro-brasileira 2015-2017

Conselheiros no Pleno do CNPC/Minc	
Adegmar J. Silva (Candiero)	PR - titular
Edmar Barbosa Bonfim (Mãe Tuca)	PB - suplente

Conselheiras(os)

Adegmar J. Silva (Candiero)	PR
Edmar Barbosa Bonfim (Mãe Tuca)	PB
Bianca Cristina Aguiar de Azevedo	AM
Emanuel Nazaré dos Santos Souza	PA
Francinete Santos Braga	MA
Geova Alves da Silva	ES
Ingrid Gomes da Silva	PI
Ivanir Pereira Guimarães	RJ
Lamartine José dos Santos	MS
Luiz Leno Silva de Farias	CE
Maria Elizabeth de Oliveira Santiago	PE
Nina Cardozo Amaral de Souza	AP
Noélia Pires da Silva	BA
Paulo César Pereira de Oliveira	SP
Walter Hugo Diaz Pinaya	RS
Maricelma Francisco	SC
Maria das Graças Pereira Bahia	RR
Josimar da Rocha Fernandes	RN
Katia Andrade de Hadad	PA
Valeria Eurides Souza Santos Oliveira	GO
Daniel do Nascimento Lopes	AC
Adriano Batista Castorino	TO
Cassia Cristina da Silva	MG
Reginaldo Silva Gomes	MT
Sergio Soreano Barreto	SE
Rodrigo Aparecido Petinati	AL
Hildima Ramos da Silva	AP
Renato Silva Gomes	DF
José Pedro da Silva Neto	SP
Paulo Ricardo da Silveira Silva	RS

08/05/2017

Capoeira

Capoeira
Afrobrasileira
Ancestral
Única com música, dança, luta... Um ritual
Se espalhou pelo o mundo
Fenômeno genuinamente nacional
Síntese de movimentos
Gestos e sentimentos que marcam
Herança
Resistência social...
Expressão cultural de diversas etnias africanas
Povos antigos oprimidos em busca de liberdade, dignidade...
Sobrevivência
Face à opressão Europeia
Que tanto contribuiu
Com sua tirania
Treinou a nossa esquiva
Nos cais, nas minas, nas plantações de cana...
Zonas rurais... Urbanas
Caá-puêra
O nome é uma contribuição dos donos da terra
Tupi-Guarani
O corpo, o canto, o rito
Jeitos afrocêntricos de se expressar
De ser...
Bagagens trazidas nos corpos dos negros e negras
Nos porões dos navios
Na sua alma... Em seu espírito
É cantoria, poesia, brincadeira, arte, expressão corporal...
A força do negro em ânsia de liberdade
É a capoeira
Ligação ancestral
É capoeira
Angola/Regional
Contemporânea
É a capoeira
De competição, de desafio
É a capoeira... Popular brasileira
Capoeira de rua
Capoeira mãe
Dos negros africanos cativos, das senzalas
Dos brancos do mundo inteiro
Se empretecendo na mumunha do negro
Hoje, a dança da zebra plantou bananeira...
Abaixou na cocorinha, se espichou
Na negativa... Deu a volta
Fez a ponte no mundo...
A sua benção, Mestres,
Saudações de axé e n'guzo!

Zelador Cultural Candiero